

Os processos de elisão e degeminação no
português de São Tomé e Príncipe
*The processes of elision and degemination in Sao Tome
and Principe Portuguese*

Amanda Macedo Balduino*

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Manuele Bandeira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
São Francisco do Conde, Bahia, Brasil

Shirley Freitas***

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
São Francisco do Conde, Bahia, Brasil

Resumo: A República de São Tomé e Príncipe é um país multilíngue, onde são faladas línguas crioulas, como o lung'ie, o santome e o angolar, além do português, língua oficial desde 1975. Assume-se que o português santomense (PS) é caracterizado pela nativização de uma L2 (segunda língua) em uma L1 (primeira língua ou língua nativa). Dessa forma, adquirido em um primeiro momento como L2, o português é transmitido como *input* para as gerações mais novas, consolidando-se posteriormente como L1 (Gonçalves, 2010). Essa transição pode suscitar mudanças e adaptações estruturais que, em conjunto com o contexto de contínuo contato interlinguístico, despertam a possibilidade de afastamento do PS das demais variedades do idioma, nomeadamente o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB). Baseado na análise de um *corpus* naturalístico, o objetivo deste

* Mestranda (FAPESP) do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: amanda.m_b@hotmail.com.

** Professora adjunta do setor de Linguística da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: manuele28@gmail.com.

*** Professora adjunta do setor de Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: shirleyfreitas@gmail.com.

estudo é verificar a existência dos processos de elisão e degeminação no PS e descrevê-los analiticamente. Em decorrência de uma limitação de dados, bem como por uma questão de recorte metodológico, não abarcaremos a ditongação, preferindo focar nos processos mencionados. O estudo dos dados demonstrou que ambos processos de fato ocorrem em PS. Em geral, a contraposição da análise dedicada ao PS com os resultados já obtidos para o PB indica que, ao mesmo tempo que tais variedades se aproximam, ao apresentarem contextos segmentais e suprasegmentais de aplicação semelhantes, o PS demonstra, também, características singulares.

Palavras-chave: Sândi vocálico externo. Degeminação. Elisão. São Tomé e Príncipe.

Abstract: The Republic of Sao Tome and Principe is a multilingual country, where besides Portuguese, official language since 1975, Creole languages, such as Lung'ie, Santome and Angolar are spoken. It is admitted that Sao Tome Portuguese (PS) is characterized by nativization of a L2 (second language) into a L1 (first language or native language). Therefore, acquired as L2 initially, Portuguese is passed on as *input* to newer generations, consolidating as L1 (Gonçalves, 2010). This transition from L2 to L1 can evoke changes and structural adaptations that in addition to the context of continuous interlinguistic contact, arouse the probability of distance of PS from other Portuguese varieties, especially European Portuguese (PE) and Brazilian Portuguese (PB). Based on the analysis of a naturalistic *corpus*, the aim of this study is to verify the existence of processes of elision and degemination in PS and describe them analytically. Due to a limitation of data, as well as a question of methodological approach, we do not include diphthongation, considering it preferable to focus on elision and degemination. The study of data has demonstrated the occurrence of elision and degemination in PS. In general, the contrast of the analysis dedicated to PS with the results already obtained to PB indicates that at the same time these varieties are approximated, since they both present similar segmental and suprasegmental contexts of application, PS also demonstrates singular characteristics.

Keywords: External vocalic sandhi. Degemination. Elision. Sao Tome and Principe.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é descrever e propor uma discussão acerca dos processos de elisão e degeminação no português santomense (PS), variedade da língua portuguesa falada em São Tomé e Príncipe (STP)¹. Para tanto, os fenômenos serão separados e adiante confirmaremos sua aplicação mediante uma análise perceptual, identificando as possíveis ocorrências de sândi por meio de percepção auditiva e posteriormente

1 Neste estudo, PS refere-se ao português falado tanto na cidade de São Tomé quanto ao português falado na cidade de Santo Antônio, na ilha do Príncipe.

valendo-se de um exame acústico realizado no programa *Praat*, no qual identificaremos a duração em milissegundos e os formantes das vogais em ambiente de ressilabação. Feito isso, descreveremos os processos tendo em vista contextos segmentais (Kickhöfel, 2011) (qualidade vocálica das vogais envolvidas) e suprasegmentais (acentuação lexical) – havendo a possibilidade de os segmentos vocálicos suscetíveis à ocorrência de sândi portarem esse acento ou não (Bisol, 1992) – e a frase fonológica, domínio prosódico em que estão inseridas as vogais em processo de ressilabação (Tenani, 2007). Obtidos os resultados de tal análise, por fim, compararemos os processos de elisão e degeminação em PS com os mesmos fenômenos no português brasileiro (PB).

Em relação aos estudos dedicados ao português europeu (PE) e ao português brasileiro (PB), esparsas são as investigações sobre as variantes africanas de língua portuguesa e o PS não constitui uma exceção. Mesmo Espírito Santo (1983) tendo apontado para o fato de haver algumas peculiaridades em torno desta variante, apenas recentemente notam-se estudos dedicados ao português de STP (Gonçalves, 2010; Christofolletti, 2013). Diante de tal lacuna, e procurando expandir os estudos acerca dessa variante africana da língua portuguesa, o presente texto surge como forma de verificar a existência e realizar uma primeira descrição do fenômeno do sândi vocálico em PS. Além disso, dadas algumas semelhanças conjunturais de desenvolvimento e emergência entre o PB e o PS², ao considerarmos a presença da empresa colonialista em ambos países e o conseqüente contato linguístico instaurado a partir desse processo, também houve

2 As semelhanças, especificamente, dizem respeito ao cenário social e político de desenvolvimento das duas variedades, PB e PS, diretamente relacionados à colonização e a um quadro de heterogeneidade linguística, em que o português, transplantado, não era a única língua falada durante um longo período da ocupação portuguesa nos dois territórios. No Brasil, o português conviveu, pelo menos até o século XVIII, com as línguas gerais amazônica, paulista e outras inúmeras línguas indígenas e africanas e secretas de fundo lexical bantu, a exemplo das comunidades de Tabatinga e Cafundó (Petter, 2008). Em STP, por sua vez, na primeira fase de colonização, além dos colonizadores lusofalantes, no território habitavam cativos transplantados da região do Delta do Níger, onde se falava línguas do grupo edo. Nesse sentido, não se pode negar as muitas diferenças quanto ao ambiente linguístico em que se desenvolveram o PB e o PS. A principal delas é que a colônia de STP apresentou condições demográficas e sociais favoráveis aos processos de criouliização rápida (Cf. Bandeira, 2017), viabilizando assim a emergência de três línguas autóctones crioulas de base portuguesa (santome, lung'ie e angolar), o que não ocorreu no Brasil.

esforço para a realização de uma análise comparativa entre essas línguas. Sendo assim, investigou-se não só a possibilidade de o PS demonstrar uma aplicação singular do fenômeno de elisão e degeminação, como também consideramos a perspectiva de que esses processos em PS têm um emprego linguístico como o descrito para o PB, isto é, são bloqueadas diante da coincidência da proeminência lexical e de frase fonológica (Φ) (Tenani, 2007).

Tendo os objetivos supracitados em vista, este trabalho organiza-se em seis seções. Na seção 2, dispomos as características gerais do arquipélago de STP e do PS. Em seguida, nas seções 3 e 4, expomos as premissas teóricas que compõem a pesquisa, focando, em primeiro lugar, nas análises já realizadas para os fenômenos da elisão e da degeminação no PB (Bisol, 1992; Abaurre, 1996; Tenani, 2007) e, conseqüentemente, nos pressupostos teóricos da fonologia prosódica, com ênfase na frase fonológica (Nespor, Vogel, 1986). A seção 5 demonstra os métodos utilizados para descrição e análise dos dados e, posteriormente, a seção 6 é dedicada à discussão dos fenômenos.

2 O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe localiza-se no Golfo da Guiné, costa oeste africana. Detentor de um multilinguismo que o acompanha desde os primeiros anos de colonização, o país apresenta uma ecologia linguística que abrange crioulos como o lung'ie, o santome, o angolar e o kabuverdianu, que são línguas nacionais. No entanto, mesmo diante dessa grande diversidade, o português é a língua oficial desde a constituição de 1975 e, conforme os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe (2011), já configura o idioma mais utilizado no arquipélago, sendo falado por cerca de 98% da população santomense. Com o maior prestígio social, a aquisição do português tem aumentado em detrimento das línguas crioulas, firmando-se como primeira língua (L1), status anteriormente reservado às línguas autóctones. Conforme Lucchesi e Baxter (2009) e Gonçalves (2010), essa consolidação é assinalada pela transição do português segunda língua (L2) em uma L1, marcada, como consequência, por possíveis alterações estruturais.

As línguas crioulas eram adquiridas e empregadas, sobretudo, em ambiente familiar ou meios informais. Por outro lado, detendo uma avaliação social positiva na medida em que seu uso estava relacionado

ao prestígio social, o português em STP era destinado às situações mais formais, sendo adotado pela burocracia, mídia e educação. Naturalmente, o uso linguístico associado a esses meios reforçou o status elevado que a variedade herdada pelos lusitanos já possuía e o português começou a ser adquirido como L2, sendo posteriormente transmitido como L1. Atualmente, como apontado por Agostinho (2014), a transmissão intergeracional das línguas crioulas é escassa, posto que os adultos, temendo que a aquisição da língua portuguesa seja prejudicada, relutam em oferecê-las como *input* às suas crianças.

Considerando que o português transmitido às gerações mais jovens seja uma L2 nativizada como L1, assume-se a possibilidade de mudanças estruturais ocasionadas por reanálises gramaticais (Lucchesi, Baxter, 2009). Desse modo, a transição de L2 para L1, em conjunto com o contexto de frequente contato linguístico entre o português e os crioulos de STP, resulta no estabelecimento de uma nova variedade da língua portuguesa, o PS, o qual se distancia da norma de prestígio do arquipélago (isto é, do PE) ou até mesmo de outras variedades, como o PB. Assumindo a possibilidade de diferenças estruturais, o sândi vocálico externo, nesse sentido, pode aplicar-se ou não em PS e, caso seja uma regra presente em PS, pode demonstrar características distintas às demais variedades da língua portuguesa.

Instituindo-se como L1 da maior parte da geração mais jovem de STP, o português firma-se como a língua mais falada no arquipélago e constitui-se como uma nova variedade da língua portuguesa. Com o objetivo de realizar uma descrição primária dos fenômenos da elisão e da degeminação no PS, este trabalho assume, dado o caráter de transição de L2 para L1, a perspectiva de alterações estruturais da variedade santomense em relação ao PE (Gonçalves, 2010; Christofolletti, 2013) e especialmente ao PB, língua de comparação neste estudo. Os fenômenos serão descritos a seguir.

3 O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NA LÍNGUA PORTUGUESA

O sândi vocálico externo corresponde a um processo de ressilabação entre duas vogais (VV) que, embora justapostas, abarcam itens lexicais distintos (Bisol, 1992; Frota, 2000; Tenani, 2004, 2007; Paulino, 2016). Em PB e em PE, tal encontro pode ser resolvido por três vias distintas: degeminação, elisão e ditongação. A realização dos três tipos de ressilabação

depende, sobretudo, do contexto vocálico e acentual envolvido, seja lexical (Bisol, 1992) ou correspondente ao nível da frase fonológica para o PB (Abaurre, 1996) e do sintagma entoacional para o PE (Frota, 2000). Além disso, embora o fenômeno de sândi vocálico seja identificado tanto em PB quanto em PE, são perceptíveis, outrossim, diferenças na ocorrência desse processo a depender da variedade em questão (Tenani, 2004; Paulino, 2016). Nesta seção, trataremos da caracterização do fenômeno em PB, retomando esporadicamente algumas questões relativas ao PE. Assim sendo, veremos, em primeiro lugar, a descrição dos processos e a presença de acentos lexicais como fator de bloqueio, pautando-nos, para tanto, na explanação de Bisol (1992). Feito isso, discutiremos o conceito de acentuação da frase fonológica como propulsor de bloqueio ou não do sândi externo no PB, valendo-nos, então, do trabalho de Abaurre (1996)³:

(1) Degeminação

(a) menina alegre → *menin[a]legre* (WW)

(b) comprará alegre → *comprar[a]legre* (SW)

(c) menina ávida → **menin[a]vida* (WS)

(d) babá ávida → **bab[a]vida* (SS)⁴

Como pode ser observado nos exemplos em (1), a degeminação é aplicada no encontro de duas vogais iguais, impulsionando o desaparecimento de uma dessas vogais e a formação de sílaba única. No caso, temos a ocorrência da vogal [a]; porém, o processo poderia ser efetivado diante de outros segmentos vocálicos idênticos. Conservando a paridade da sequência de vogais e independentemente da qualidade vocálica desse par, a degeminação é bloqueada, como descrito em (c) e (d), de acordo com a natureza do acento lexical envolvido. Se as sílabas em processo de ressilabação não carregam o acento principal do lexema e, portanto, configuram duas sílabas fracas (WW), a degeminação ocorrerá normalmente – cf. (a). O mesmo ocorre diante de (b), em que a primeira sílaba é portadora do acento, logo uma sílaba forte (S), e a segunda é uma pretônica, ou seja, fraca (W) – o que demonstra que, para a degeminação em PB, o fato de a primeira vogal (V1) carregar o acento lexical não

3 Neste artigo, foram adotadas as seguintes convenções: S para sílaba forte/tônica (referência a *strong*, em inglês); W para sílaba fraca/átona (referência a *weak*, em inglês).

4 Exemplos adaptados de Bisol (1992) e Tenani (2007).

demarca contexto de bloqueio. Por outro lado, caso a segunda sílaba, onde está a segunda vogal (V2), porte o acento primário, a degeminação é bloqueada – cf.(c) e (d).

De modo um pouco distinto, para o PE a aplicação da degeminação é impedida diante do encontro de qualquer sequência vocálica que demonstre a maior proeminência silábica. Assim, enquanto o exemplo em (a) configura um contexto propício para a degeminação na variedade europeia, a partir de (b) o processo seria sistematicamente bloqueado, posto que para a consolidação da degeminação nenhuma das vogais envolvidas pode portar o acento lexical, isto é, em PE a degeminação só é produtiva diante do contexto (WW) (Frota, 2000; Paulino, 2016).

A elisão, por sua vez, demonstra um contexto de aplicação um pouco distinto:

(2) Elisão

(a) camisa elegante → camis[e]legante (WW)

(b) menino especial → menin[e]special (WW)

(c) fala isto → *fal[i]sto (WS)

(d) cairá elegante → *cair[e]elegante (SW)

(e) cairá hoje → *cair[o]je (SS)⁵

Ao contrário da degeminação, cuja não aplicação decorre da proeminência da segunda sílaba, a elisão em PB apenas ocorrerá diante do encontro de duas sílabas não portadoras de acento (WW) (Bisol, 1992). Nesse processo, a V1 numa sequência de VV sofre supressão e a V2, sendo mantida, constrói uma nova sílaba. Conforme Bisol (1992), a V1 elidida tende a ser um [a] não acentuado no núcleo da primeira sílaba. Todavia, embora tal afirmação abarque uma parte das ocorrências da elisão no PB, concordamos com Santos (2007) ao assumir a regra de elisão como “mais abrangente que esta proposta” (p. 247). Portanto, consideraremos a aplicação do processo diante de uma V1 [+POSTERIOR], isto é, /u, o, ɛ/ como em *garoto elegante*, que se realiza **garot[e]legante**, independentemente de V1 ser [u]. A esse respeito, Veloso (2007) postula que em alguns casos, mesmo com frequência reduzida, ainda é possível a elisão da vogal coronal

5 Exemplos adaptados de Bisol (1992).

/i, e, ε/: “Respeitava como se ela fosse uma tia mais velha → Respeitava como s[ε]la fosse uma tia mais velha” (p. 57).

No PE, a elisão ocorre, distanciando-se do PB, exclusivamente em um contexto segmental cuja V1 é [+POSTERIOR]. Alguns autores, como Paulino (2016) e Paulino e Frota (2016), ao tratar desse fenômeno em PE, preferem o termo *Back Vowel Deletion* (apagamento da vogal recuada, em português) a *elisão*. Assim, embora o fenômeno em (b) seja produtivo na variedade europeia, a ocorrência de (a) não seria possível. No que tange ao contexto acentual, a elisão em PE é produtiva, assim como em PB, para a sequência de átonas (WW); entretanto, também é possível a aplicação do fenômeno no encontro entre átona e tônica (WS). Portanto, caso V2 seja [+POSTERIOR] e portadora do acento lexical, o apagamento da vogal recuada ocorrerá normalmente.

Por fim, a ditongação caracteriza-se pela conversão dos segmentos vocálicos [+ALTO] em glide:

(3) Ditongação

(a) menina humilde → menin[aw]milde (WW)

(b) elefante humilde → elefant[ju]milde (WW)

(c) caju esquisito → caj[u]squisito (SW)

(d) elefante ávido → *elefant[ja]vido (WS)⁶

(e) comi uvas → *com[ju]vas (SS)⁷

Como se observa em (3), no PB o encontro vocálico produz um glide que pode ocupar a posição de coda – cf. (a) e (c) –, caracterizando um ditongo decrescente, ou até mesmo um glide demarcado na posição de onset – cf. (b) –, sinalizando um ditongo crescente. No que diz respeito ao contexto acentual, nota-se que a ditongação ocorre entre duas sílabas fracas – cf. (a) e (b) – e entre uma forte e uma fraca – cf. (c). Contudo, não haverá ditongação caso a segunda sílaba seja a portadora do acento – cf. (d) e (e).

O PE, por sua vez, demonstra novamente um comportamento um pouco distinto para o contexto acentual. Em linhas gerais, enquanto a

6 Exemplos adaptados de Tenani (2007).

7 Exemplo retirado de Santos (2007, p. 248).

ditongação é perceptível em casos como (a) e (b), exemplos nos quais temos o hiato formado pela sucessão de duas átonas (WW), em sequências formadas por uma tônica e uma átona (SW) – cf. (c) – e/ou por duas tônicas (SS) – cf. (e) –, a resolução do hiato é bloqueada. Já a sequência de átona e tônica (SW) – cf. (d) –, distintamente do PB, não constitui contexto de bloqueio para o fenômeno em PE (Paulino, Frota, 2016).

Em linhas gerais, os exemplos explorados em (1), (2) e (3), em consonância com a análise de Bisol (1992) para o PB e a de Paulino e Frota (2016) para o PE, apontam o acento como fator evidente na formação de contextos bloqueadores do sândi vocálico externo. Sendo assim, há bloqueio quando: (i) ambas as vogais carregam o acento primário (SS), sendo que nesta situação não há ocorrência de processo algum; (ii) a primeira, a segunda ou ambas as vogais são tônicas (SW; WS; SS) e, por isso, não se verifica a elisão; e (iii) a segunda vogal é tônica (WS; SS), bloqueando a degeminação e/ou ditongação. Em PE, o bloqueio da aplicação do sândi vocálico também ocorre de acordo com o acento lexical, entretanto, como foi exposto, sua aplicação ou bloqueio não demonstram comportamento idêntico ao PB. Em geral, a degeminação é bloqueada quando qualquer uma das vogais porta o acento, sendo permitida apenas no contexto de duas átonas (WW). A elisão e a ditongação permitem apenas que a segunda vogal seja acentuada (WS), bloqueando os demais contextos (Frota, 2000; Paulino, Frota, 2016).

Embora essa análise, pautada em aspectos suprasegmentais como o acento primário, pareça dar conta dos casos apresentados, é preciso cautela ao adotá-la. Ainda que haja a correta predição dos bloqueios nas sentenças demonstradas até agora, em PB a interpretação do fenômeno baseada apenas no acento lexical não é capaz de explicar de modo satisfatório casos como em (4):

(4)

(a) A aluna age com descrição em público → A alun[a]ge com descrição em público (WS) (degeminação)⁸

(b) Ele compra uvas caras → Ele compr[u]vas caras (WS) (elisão)

(c) Comi uvas verdes → Com[ju]vas verdes (SS) (ditongação)⁹

8 Dado retirado de Tenani (2007, p. 175).

9 Exemplos adaptados de Bisol (1992).

Em (a), por exemplo, o encontro de uma sílaba fraca com uma forte (WS), contrariamente ao que foi assinalado na análise anterior, não parece capaz de bloquear o processo em PB. Nota-se o mesmo em (b) e (c), em que a presença do acento primário, seja em V1 (SW) ou em V1 e V2 (SS), não inibe a ressilabação por meio da elisão ou da ditongação.

Considerando exemplos como esses, Abaurre (1996) reanalisa a questão do bloqueio do sândi externo em PB e acrescenta a noção de acento nuclear no nível da frase fonológica ϕ , além do acento primário já abarcado pelas análises anteriores, como conceito necessário para compreensão dos processos de sândi vocálico em PB. Assim sendo, partindo da concepção de níveis da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), a autora assume a ocorrência dos processos em (5) como consequência do acento da frase fonológica:

(5)

(a) [Ele] ϕ [compra] ϕ [uvas **caras**] ϕ

(b) [Comi] ϕ [uvas **verdes**] ϕ^{10}

Nas sentenças em (a) e (b), o acento nuclear da frase fonológica encontra-se em **negrito**. Sabendo que o português é uma língua de proeminência à direita, o item lexical nesta posição é responsável por carregar o acento da frase fonológica, sendo, portanto, o lexema mais proeminente. Desse modo, o bloqueio dos processos de sândi externo só ocorreria em PB caso o acento primário da palavra também fosse analisado, em níveis hierárquicos maiores, como o acento frasal.

No PE, conforme Frota (2000), o fenômeno de sândi vocálico também é sensível aos níveis de proeminência e domínios prosódicos em que ocorrem (Frota, 2000; Paulino, Frota, 2016; Paulino, 2016). Segundo a autora, nesta variedade o sândi é bloqueado sempre que se encontra diante de uma fronteira de dois sintagmas entoacionais (I):

(6)

(a) [A aluna] I [após o exame] I [foi para a discoteca] I

(b) [O músico] I [após a audição] I [saltou para a plateia] I¹¹

10 Exemplos adaptados de Bisol (1992).

11 Exemplos retirados de Frota (2000).

De acordo com Frota (2000), corroborada por Paulino e Frota (2016), a seqüência vocálica em **negrito** presente na fronteira de I, como ilustrado em (a) e (b), não sofreria degeminação ou elisão, pois o contexto prosódico bloquearia o processo. Para o PB, por outro lado, não constituiria um fator de bloqueio e, independentemente do hiato estar na fronteira de I, o hiato seria desfeito desde que não houvesse coincidência do acento lexical com o acento de frase fonológica.

Partindo da investigação dos dados, bem como da concepção de sândi externo em conjunto com as diferentes hipóteses em relação ao bloqueio desse fenômeno para o PB, procuramos descrever os processos de degeminação e elisão no português de STP. Para tanto, daremos ênfase aos contextos de bloqueio do sândi, com especial atenção aos processos mencionados, analisando-os sob o pressuposto teórico da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), definida na próxima seção. Como a proposta deste trabalho é a comparação entre o PS e o PB, focaremos na influência da frase fonológica na resolução dos encontros vocálicos e, portanto, não consideraremos, por ora, o sintagma entoacional.

4 O CONCEITO DE FRASE FONOLÓGICA DENTRO DA FONOLOGIA PROSÓDICA

Ao longo dos anos, dentro dos estudos fonológicos, diversos modelos foram criados e aprimorados. As diferentes teorias propostas, como a gerativa (Chomsky, Halle, 1968), a autossegmental (Clements, Keyser, 1983) e a prosódica (Nespor, Vogel, 1986; Selkirk, 1986), são divididas de acordo com suas especificidades, sendo agrupadas em dois grandes polos pela literatura: a fonologia linear e a fonologia não linear.

De acordo com a concepção linear, desenvolvida e adotada por Chomsky e Halle (1968), a fala é formada a partir da disposição linear dos segmentos sonoros, isto é, os sons são distribuídos estritamente num eixo temporal na produção da cadeia de fala e apresentam uma relação de um-para-um com o componente fonético. Por outro lado, conforme a fonologia não linear, assumida, por exemplo, por Clements e Keyser (1983) e Nespor e Vogel (1986), não há uma organização linear dos segmentos, mas uma relação complexa de traços dispostos hierarquicamente. De fato, a concepção não linear, ao abarcar a existência de níveis maiores, constitui uma parte importante da análise fonológica, na medida em que permite

a apuração mais profunda de fenômenos suprasegmentais. É justamente nessa perspectiva que se consolida a fonologia prosódica (Nespor, Vogel, 1986; Selkirk, 1986), brevemente descrita nesta seção.

4.1 A fonologia prosódica – uma breve descrição

A fonologia prosódica compreende a existência de níveis fonológicos organizados hierarquicamente, universais a todas as línguas naturais. Esses níveis, além de apresentarem regras próprias, também podem interagir com outros sistemas, demarcando a existência de uma interface, sem necessário isomorfismo, com os componentes morfológico, sintático, semântico e até mesmo pragmático. A existência da hierarquia prosódica é assinalada tanto por Nespor e Vogel (1986) quanto por Selkirk (1986); no entanto, os constituintes que a formam, bem como o tratamento dado aos mesmos, não são consensuais nas propostas teóricas supracitadas.

Enquanto Nespor e Vogel (1986) assumem a presença do Grupo Clítico como constituinte prosódico, Selkirk (1986) não o considera em suas análises:

(7) Hierarquia prosódica:

(Selkirk, 1986)	(Nespor, Vogel, 1986)
Enunciado	Enunciado
Sintagma Entoacional (I)	Sintagma Entoacional (I)
Frase Fonológica (φ)	Frase Fonológica (φ)
--	Grupo Clítico (C)
Palavra Prosódica (ω)	Palavra Prosódica (ω)
Pé (Σ)	Pé (Σ)
Sílaba (σ)	Sílaba (σ)

Além disso, as autoras ainda divergem quanto às regras de formação dos domínios prosódicos. Para Nespor e Vogel (1986), os diferentes processos suprasegmentais são tomados a partir da relação de núcleo-complemento, isto é, abarcando a relação entre elementos da sintaxe e caracterizando uma teoria do tipo *Relation Based*. Já para Selkirk (1986), as regras são demarcadas, sobretudo, na delimitação de fronteiras finais sintáticas, numa teoria *End Based*.

Vale a pena ressaltar que as autoras consideram, outrossim, alguns princípios reguladores da hierarquia prosódica, como a relação de domínio entre os constituintes hierárquicos. Esse princípio, oficializado como *Strict Layer Hypothesis* (SLH), no qual o nível superior dominaria sempre o nível imediatamente inferior, é julgado inviolável por Nespor e Vogel (1986), ao passo que, ao trabalhar com um conjunto de restrições proposto pela Teoria da Otimidade, Selkirk (2000) admite sua infração, demonstrando mais uma vez uma distinção teórica dentro da fonologia prosódica.

Ainda com relação aos constituintes da hierarquia prosódica, nota-se que cada nível possui funcionamento singular e produz suas próprias regras. Assumindo a importância da frase fonológica para o fenômeno do sândi externo, como descrito na seção anterior, focaremos agora em sua explanação, demonstrando a concepção de Nespor e Vogel (1986) e de Selkirk (1986), para posteriormente adotarmos uma das visões mencionadas no trato do processo de sândi vocálico externo no português de STP.

4.2 A frase fonológica ϕ

A frase fonológica corresponde a um dos constituintes da hierarquia prosódica e é tratada de diferentes modos a depender da concepção de Nespor e Vogel (1986) (teoria *Relation Based*) ou de Selkirk (1986) (teoria *End Based*). Entretanto, mesmo diante de tratamentos distintos, na maior parte das vezes é possível atingirmos resultados idênticos. Em linhas gerais, para ambas as abordagens a frase fonológica pode ou não coincidir com os constituintes sintáticos da estrutura. Porém, ainda sem esse necessário isomorfismo, sua delimitação sempre parte de uma estrutura sintática, segmentando-a de diferentes maneiras, de acordo com a teoria adotada. Esta subseção dedica-se, portanto, a explorar as duas teorias para a frase fonológica em questão e, por fim, eleger a mais apropriada para o estudo da degeminação e elisão no português de STP.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), o domínio da frase fonológica pode ser pontuado como a adjunção de um Grupo Clítico (C), contendo uma cabeça lexical X e todos os seus clíticos em seu lado não recursivo¹²:

12 “Reestruturação de ϕ (opcional)

Um constituinte ϕ não ramificado que é o primeiro complemento de X em seu lado recursivo é unido à ϕ que contém X.” (Nespor, Vogel, 1986, p. 173).

(8) [uma menina] φ [inteligente] φ

(9) [uma inteligente menina] φ

Em (8), observamos duas φ . Cada uma demonstra uma cabeça lexical X, no caso, *menina* e *inteligente*, sendo o clítico *uma*, à esquerda de menina, anexado a tal cabeça lexical, como prediz a teoria. Já em (9), os mesmos termos, organizados em uma diferente ordem, são agrupados em uma única φ . Isso decorre do fato de o adjetivo *inteligente* estar em posição marcada na língua portuguesa, isto é, em seu lado não recursivo e, por isso, ser adjungido à primeira cabeça lexical à direita.

Para Nespor e Vogel (1986), a frase fonológica também apresenta a possibilidade de reestruturação. Assim, a sentença em (8) passaria a compor apenas uma φ : [uma menina inteligente] φ . A união de duas frases fonológicas decorreria, conforme a teoria, da relação de complementariedade entre ambos os termos envolvidos, bem como a presença de uma φ não ramificada, formada apenas por uma palavra prosódica e à direita dos constituintes. No PB, a questão da reestruturação configura-se relevante ao passo que cede pistas para desambiguação de sentenças:

(10) [A menina] φ [dançou] φ [na casa] φ [linda] φ

(11) [A menina] φ [dançou] φ [na casa linda] φ

A interpretação de quem era ou estava linda, se a menina ou se a casa, é dada a partir de φ . Enquanto em (10) entende-se que linda era a menina, já que não há reestruturação com [na casa] φ , em (11) temos exatamente o oposto e *linda* é analisado como complemento de *casa*.

Por outro lado, para Selkirk (1986), a frase fonológica é delimitada considerando as fronteiras finais dos constituintes sintáticos. Isso equivale a dizer que φ define-se fundamentado nas projeções máximas XP. Retomemos a mesma ocorrência supracitada em (11), mas agora vista sob uma nova perspectiva:

(12) [A menina]NP φ [dançou na casa linda]VP φ

Nesse caso, constata-se que cada projeção máxima, NP e VP especificadamente, abarca uma frase fonológica diferente. Ao nos atermos a ocorrências de ambiguidade, como em (12), no entanto, verificamos que a teoria *End Based* não consegue explicar os dois sentidos possíveis de

interpretação, mantendo-se o duplo sentido da sentença. Com base nessa constatação, assumimos para análise do português de STP a teoria *Relation Based* de Nespor e Vogel (1986).

5 MÉTODOS

O corpus desta pesquisa é formado por 61 dados extraídos de quatro entrevistas informais com falantes do PS (dois homens e duas mulheres), as quais são disponibilizadas pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e foram coletadas durante as décadas de 80 e 90 (CLUL, 1990). Tendo por base as gravações em formato WAV e as respectivas transcrições, o material foi examinado primeiramente por meio da audição dos dados, para que fizéssemos o recorte das sentenças em que os fenômenos foram identificados e, posteriormente, de forma acústica, de modo a confirmar a ocorrência de elisão e degeminação nas sentenças selecionadas. Em seguida, foram realizadas a descrição e a análise dos fenômenos.

O exame perceptual foi acompanhado pelas transcrições e, a partir disso, efetuou-se uma extração de ocorrências de sândi vocálico por elisão e degeminação. As sentenças declarativas que apresentavam os fenômenos foram recortadas com auxílio do programa *Praat*¹³ e, em seguida, as ocorrências foram confirmadas por inspeções acústicas. Nesse sentido, ainda valendo-nos do *Praat*, verificaram-se através de um exame visual os formantes e a duração da vogal resultante dos processos, de modo a constatarmos a presença de um único segmento em posição de sândi, o que configuraria o fenômeno de elisão e degeminação.

Assim, os contextos em que perceptualmente ocorria a ressilabação eram selecionados no espectrograma e verificava-se a presença ou ausência da transição dos formantes. Caso fosse observada a concretização da transição, considerava-se, naquele contexto, a presença de um encontro vocálico e, posto que a análise não aborda a ditongação, o dado era descartado. Esse é o caso ilustrado pela Figura 1:

13 *Praat* (Boersma, Weenink, 2015) – Software utilizado para análise e síntese de fala, pelo qual podemos acessar informações acústicas do fone, como a duração, o formato de onda e o espectrograma.

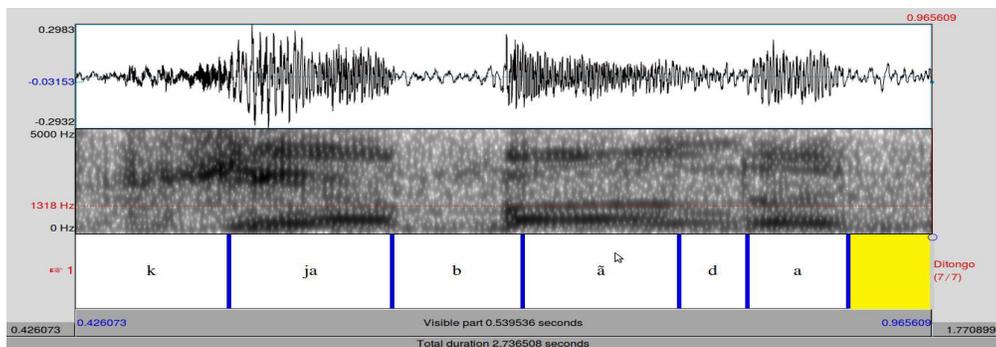


Figura 1 – Espectrograma do trecho “**que a banda**” da sentença **Para que a banda possa.**

Como pode ser observado na Figura 1, no contexto selecionado nota-se a curva em ascendência do primeiro formante (F1) e em descendência do segundo (F2), verificado na sequência [ja]. A ascendência, embora não muito acentuada, seria consequência justamente da transição dos formantes, marcada pela frequência baixa de [j] e, após isso, pelo aumento gradual da frequência de [a], caracterizando, acusticamente, um ditongo (Veloso, 2007).

A inspeção no espectrograma foi primordial para a análise de sentenças que portavam contextos peculiares à ditongação em PS, mas que aparentemente eram produzidos com elisão de uma das vogais:

(13) Está izaquente de açúcar e d[a]zeite¹⁴

Encontros como d[a]zeite seriam, via de regra, produzidos como ditongos d[ja]zeite em PB. A fim de confirmar a ocorrência de um único som vocálico como anteriormente avaliado através da percepção, dados como (13) foram inspecionados no espectrograma, no qual procurava-se identificar a curva característica à ditongação. Vejamos o contexto de ressilabação analisado no *Praat*:

14 *Izaquente*: leguminosa semelhante ao feijão. É colhida do izaquiteiro, a partir do qual se preparam dois pratos típicos da culinária de STP: izaquite de açúcar e izaquite de azeite.

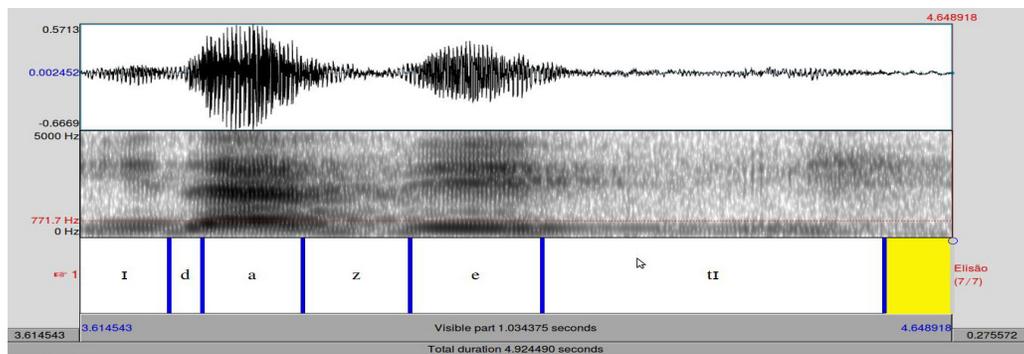


Figura 2 – Espectrograma do trecho “e de azeite” da sentença **Assim está izaquite de açúcar e de azeite.**

Distintamente da Figura 1, em que a curva representativa da transição dos formantes é um pouco mais visível, na Figura 2, embora o início da produção vocálica tenha uma faixa mais baixa em F1 e mais alta em F2, há uma estabilização maior, evidenciando a ausência de encontro vocálico pleno como na Figura 1. Desse modo, ainda que no espectrograma identificamos resquícios de sua produção, [j]¹⁵ é imperceptível à audição. Além disso, nota-se a realização de [da.ɐze.ti] na junção das palavras **de e azeite**, permitindo que concluamos, então, a ocorrência da elisão e não da ditongação, como esperado.

No que diz respeito à duração dos segmentos vocálicos, a vogal em contexto de degeminação era selecionada e verificava-se se o segmento estava mais longo do que a média, considerando valores em torno de 100 ms como o padrão¹⁶. Considerando isso, os dados que apresentassem valores muito superiores a 100 ms, isto é, uma duração que ultrapassasse 130 ms, seriam descartados, pois poderiam indicar a presença temporal de duas vogais e, por consequência, a sua conservação (Bisol, 1992, p. 87). Observemos o seguinte exemplo:

15 Também poderia ser considerado o início de F1 como *locus* de transição entre a consoante antecedente e a vogal seguinte.

16 Este valor médio de 100 ms foi retirado como referência do trabalho de Santos (2013), em que há a comparação das durações médias das produções vocálicas em PE e PB. As médias foram fundamentadas no PE e no PB por ainda não haver estudos para o PS (português de São Tomé e Príncipe), entretanto, para uma análise mais cautelosa, seria necessário saber o valor médio das produções vocálicas calculado com base na análise dos dados do PS.

(14) Nós procuraa maneira dar-lhe

Em sentenças como (14), o encontro de duas vogais iguais, como está sublinhado, foi selecionado e mensurado em segundos e depois convertido em milissegundos, considerando, para tanto, as três primeiras casas após a vírgula. Assim, foi obtido o valor de 0,078 s no *Praat*, o qual convertemos para 78 ms. Sendo tal valor menor que 130 ms, a presença de um único segmento vocálico era confirmada e, conseqüentemente, a ocorrência da degeminação.

Em linhas gerais, todos os dados em contexto de degeminação demonstraram a duração em torno de 100 ms, podendo tal valor variar um pouco para mais ou para menos, mas nunca atingindo valores superiores a 130 ms¹⁷. Entretanto, é possível questionarmos a validade de tal método, na medida em que: (i) a média indicada pauta-se no PB e não no PS; (ii) como já demonstrado por Santos (2013), o valor médio da duração da vogal pode variar de acordo com a qualidade vocálica e até mesmo individualmente, a depender do falante; e (iii) a qualidade acústica das gravações não estava satisfatória e, em alguns momentos, a inspeção visual no espectrograma era prejudicada por ruídos.

Assim, considerando as ressalvas a respeito da duração, sendo a questão da qualidade do espectrograma também estendida ao exame dos formantes, assumimos como principal método de identificação a percepção auditiva. A inspeção visual dos formantes e da duração, nesse sentido, seria apenas uma ferramenta de confirmação para o fenômeno percebido auditivamente e, por isso, preferimos denominá-lo como “inspeção” e não “análise”.

Ademais, foram excluídas do estudo sentenças que demonstravam a queda do segmento vocálico por questões não relacionadas ao fenômeno em questão. Esse é o caso dos exemplos abaixo¹⁸:

17 A única sentença em que ocorre tal duração é: Passam diretamente para a banda. Entretanto, é preciso ressaltar que, nesse caso, o item lexical para da sentença é produzido como [ɥpa], caracterizando a sequência [ɥpa.bã.da] em que há a síncope de [ɥ]. Assim, a maior duração de [a] pode ser considerado um alongamento compensatório na camada CV de modo a manter o timing silábico (Clements, Keyser, 1983; Moraes, Wetzels, 1992).

18 Vogais omitidas estão em negrito.

(15) Ir procurar outro meio de vida porque o salário não dá

(16) Com ele amarrado os outros vêm atrás

Além de as sentenças (15) e (16) demonstrarem a supressão de V2 e não de V1, o que por si já configuraria não ocorrência de elisão, posto que o fenômeno recorre sobretudo em V1, os exemplos ilustram, outrossim, diferentes processos fonológicos. A queda do [o] em (15) pode indicar um processo morfológico associado à perda do artigo e, portanto, não constituir um exemplo de sândi. Para confirmar tal predição, seria necessário contrastarmos sentenças em que o artigo seja elidido mesmo cercado por consoantes¹⁹, no entanto, como não temos exemplos suficientes para realizar uma predição como essa, manteremos ocorrências como (15) fora da análise para evitar má descrição do fenômeno. Por outro lado, a elisão de [a] em (16), embora também configure um fenômeno fonológico, corresponde a uma aférese, isto é, à supressão do primeiro som lexical e não a uma elisão conseqüente ao sândi²⁰.

Por fim, ainda sobre os dados, vale a pena ressaltar sua obtenção por método naturalístico e, por conta disso, a ausência do controle sobre as incidências dos fenômenos. Sendo assim, as ocorrências estavam mais suscetíveis a imprecisões habituais à performance dos informantes e aos contextos de análise limitados.

Delimitadas as sentenças para o estudo, separou-se o tipo de processo e criaram-se dois conjuntos de dados: um para a elisão e outro para a degeminação. A fim de descrevermos o fenômeno de sândi externo no PS, depois da separação dos conjuntos, examinou-se, em especial, o

19 O único exemplo retirado do corpus em que há a supressão do artigo definido cercado por consoantes foi:

(15a) Cada um tem [o] seu peso

Note que aqui consideramos a nasalidade de [u] decorrente do espriamento do traço [+NASAL] da consoante /N/ em coda (Câmara Jr., 1970).

20 Isso pode ser comprovado por meio de sentenças do corpus em que o item lexical amarrado ocorre em seguida de um som consonantal, não caracterizando, assim, contexto propício para aplicação do sândi e mesmo assim havendo sua elisão:

(16a) Nos [a]marramos no fio

(16b) Nos [a]marramos esse peixe na canoa

contexto vocálico envolvido na elisão. Dessa forma, ao considerar V1 e V2, contrapomos o ambiente de aplicação de regras da elisão no PB com o PS. A ideia é constatar se o fenômeno é produtivo apenas quando V1 for [a] ou [+ALTA] e [+POSTERIOR], como em PB (Santos, 2007), ou se o PS demonstra contextos distintos de aplicação.

Tendo em vista que a aplicação dos processos fonológicos da elisão e da degeminação é condicionada pelo acento da frase fonológica em PB (Abaurre, 1996; Tenani, 2007), no exame do fenômeno em PS considerou-se tal domínio como aspecto analítico. Dessa forma, as sentenças que compõem o corpus foram segmentadas em diferentes frases fonológicas, considerando-se, para isso, a adjunção do Grupo Clítico (C) com uma cabeça lexical e sua posterior reestruturação (Nespor, Vogel, 1986). Feito isso, analisou-se o domínio dos processos de sândi externo, atentando-se para a sua aplicação diante da proeminência ou não de frase fonológica.

Com o intuito de reforçar a necessidade da concepção de frase fonológica como ponto essencial no estudo dos processos de sândi externo, outro aspecto considerado foi o acento lexical (Bisol, 1992). Verificou-se, portanto, se o acento lexical é capaz de bloquear sozinho a aplicação das regras de sândi externo no PS ou se precisamos, de fato, do conceito de acento principal de frase fonológica. Desse modo, concentramo-nos nas sílabas que permitiam ou bloqueavam o fenômeno, sendo elas classificadas como tônicas ou fortes (S) e átonas ou fracas (W). Sabendo que a elisão é bloqueada em PB diante da sequência SW, WS e SS e a degeminação diante de SS e WS, separaram-se os dados que expunham tais sequências, contemplando a ocorrência do bloqueio ou não.

Depois de realizados os passos indicados, o acento lexical foi estudado considerando também o acento de frase fonológica e os resultados foram contrapostos aos obtidos para o PB (Abaurre, 1996; Tenani, 2007).

6 ANÁLISE

Exposta a metodologia utilizada, nesta seção apresentam-se a descrição e a respectiva análise dos fenômenos de elisão e degeminação no PS. Os processos foram primeiramente descritos a partir do contexto segmental de aplicação e, posteriormente, analisados de acordo com o contexto suprasegmental: presença de acento lexical e principal de frase fonológica e posição no domínio da frase fonológica.

Para melhor exame dos fenômenos, os dados foram separados conforme o processo exibido. Sendo assim, criou-se um grupo para a elisão e outro para a degeminação, os quais serão expostos em subseções distintas. No geral, entre o total de 61 dados em que havia contexto para a ocorrência de elisão ou degeminação, 31 ocorrências correspondiam à elisão (51% do *corpus*) e outras 5 (8% do *corpus*) ao seu bloqueio. No que diz respeito à degeminação, percebe-se que em 16 sentenças (26% do *corpus*) o processo é aplicado, enquanto nas 9 restantes (15% do *corpus*) há bloqueio. Nota-se, portanto, que no *corpus* trabalhado a elisão foi o processo mais produtivo e com menos bloqueios. A seguir trataremos o fenômeno com mais detalhes.

6.1 Elisão no PS

No PS, o processo de elisão ocorre quando duas vogais distintas, V1 e V2, pertencentes a palavras diferentes, encontram-se e provocam reestruturação silábica. No que tange às características articulatórias dos segmentos vocálicos envolvidos no processo, assume-se, para o PB, que a elisão ocorre preferencialmente quando essa V1 for uma vogal baixa /a/ (Bisol, 1992). Todavia, no PS, diversos foram os contextos vocálicos de aplicação desse tipo de sândi vocálico externo:

(17) Processo de elisão (total de 26 dados)²¹

Contextos [V1 V2]	Exemplo	Quantidade
[a e]	Como pequen[e]mpresária	3
[a o]	Transportam esses problemas par[o] sistema	2
[i e]	O estrago qu[e]li faz aqui é muito grande	9
[u a]	Sabe com[a] vida está	4
[u e]	Quand[e]le pega	4
[u i]	Enquant[i]sso não acontecer	3
[u ◊]	Eu vou dizer com[ε] que se faz açucarinha	1

21 Em [i e] estamos considerando /e/ em posição átona final como [i] e /o/ em posição átona final como [u].

Como pode ser observado em (17), a elisão no PS não se restringe a uma vogal inicial [a], ocorrendo em diversos contextos de V1, tais como [a, i, u]. A esse respeito, trabalhos como o de Santos (2007) alertam que, também no PB, V1 no processo de elisão pode ser [+ALTA] e [+POSTERIOR] e corresponder a [u, ʔ, o]. Corroborando esse ponto de vista, Veloso (2007) também considera para o PB a produtividade da elisão quando V1 for [-POSTERIOR], isto é, ainda que o contexto vocálico inicial seja [i, e, ε]²².

Embora os mesmos contextos possam ser verificados no PS, em ambos os trabalhos dedicados ao PB há a ressalva de que a produtividade da elisão em segmentos diversos de V1 [a] é menor. Em PS, por outro lado, a existência de uma vogal diferente de [a] na posição inicial não parece ser marcada ou menos produtiva. Pelo contrário, dentro do *corpus* notou-se maior produtividade dos casos de elisão quando V1 era [u] e/ou [i]. Tais ocorrências configuram aproximadamente 80% dos dados, sendo que só os casos de V1 [u] efetuam-se em 39% das sentenças analisadas. É importante destacar que a análise percentual proposta corresponde, exclusivamente, aos dados examinados, não podendo ser pontuada como o comportamento geral da língua. Para uma predição como essa, seria necessário o estudo de um *corpus* mais amplo, controlado e analisado por métodos estatísticos mais refinados.

Além de maior abrangência de segmentos vocálicos na posição de V1, observou-se, outrossim, a aplicação da elisão em sentenças em que no PB não seria possível:

(18) Dizem que izaquente **d[a]çúcar** é izaquente de frigida²³

(19) Assim está izaquente **d[a]çúcar** e d[a]zeite

Ainda que ocorra elisão em construções como “d[a]gua” no PB, o processo não se verifica nos dados demonstrados em (18) e (19) que, no geral, sofreriam ditongação. Esse fato nos chama atenção para duas

22 Tal comportamento parece aproximar as variedades do PS e do PB e, paralelamente, afastá-los do PE, língua em que a elisão ocorre, obrigatoriamente, quando V1 é [+POSTERIOR] (Paulino, 2016).

23 Izaquente de frigida refere-se ao prato quando mal feito.

hipóteses acerca do PS, sendo uma referente à particularidade estrutural de aplicação de sândi e a segunda abarcando, de modo amplo, a constituição do PS como variedade da língua portuguesa.

A princípio, nota-se que estruturalmente a ocorrência do sândi nesse ambiente fonológico específico em PS concretiza-se entre clítico e palavra prosódica, o que pode configurar um contexto próprio de aplicação do fenômeno. Todavia, para validar esse pressuposto seria preciso investigar mais sentenças com a estrutura apresentada em (18) e (19), atentando-se para o encontro vocálico entre clítico e palavra prosódica. Em segundo lugar, a realização do processo de elisão, nesse contexto, pode revelar ainda uma característica linguística inerente ao PS, cuja possibilidade de desenvolvimento é reforçada diante do frequente contato entre línguas no arquipélago. Sabendo da conjuntura multilíngue em que o PS é falado, bem como sua consolidação como língua materna a partir da nativização do português, as ocorrências atestadas em (18) e (19) podem ser decorrentes do contato linguístico e suas respectivas transferências entre o português e as diversas línguas crioulas faladas em STP ou até mesmo ser reflexo do PE. Entretanto, ressaltamos que as afirmações anteriores configuram apenas hipóteses ao passo que para sua comprovação seria preciso compararmos os dados do PS com os dados das línguas que estão em contato no arquipélago de STP e, também, com o fenômeno em PE.

No que diz respeito aos aspectos suprasegmentais, constatou-se que no encontro de duas sílabas átonas (WW) a elisão ocorreu normalmente, seja dentro do domínio de frase fonológica ou em sua fronteira, como ocorre de (20) a (22):

(20) [Posso aproveitar] φ [algumas delas] φ → Poss[a]proveitar algumas delas

(21) [Então quando estiver] φ [muito bem cozida] φ → Então quand[i]stiver muito bem cozida

(22) [Mas segundo] φ [as possibilidades] φ → Mas segund[a]s possibilidades

Assim como para o PB, o encontro de sílabas desacentuadas lexicalmente não impede a ocorrência da elisão no PS. Contudo, ao considerarmos a sequência acentual silábica de uma átona e uma tônica

(WS) na aplicação da elisão, perceberemos que no PS, ao contrário do que ocorre no PB, em um primeiro momento o processo se consolidará normalmente²⁴:

(23) [Deixa **e**le] \varnothing [embora] \varnothing → Deix[e]le embora

(24) [Eu] \varnothing [vou dizer] \varnothing [como é] \varnothing [que se faz açucarinha] \varnothing → Eu vou dizer com[**e**] que se faz açucarinha

(25) [Quando] \varnothing [**e**le] \varnothing [pega] \varnothing [essa cinta] \varnothing → Quand[e]le pega essa cinta

(26) [E quando] \varnothing [esse peixe] \varnothing [come] \varnothing → E quand[e]sse peixe come

Nos exemplos acima verifica-se, invariavelmente, a elisão de V1 mesmo quando V2 porta o acento lexical. As ocorrências são percebidas tanto dentro do domínio de frase fonológica – cf. (23) e (24) – quanto fora – cf. (25) e (26).

Como explicitado nas seções anteriores, o acento principal da frase fonológica constitui contexto de bloqueio da elisão para o PB (Abaurre, 1996; Tenani, 2007) e, portanto, o processo é impedido diante do elemento mais proeminente de \varnothing . Entretanto, tendo por base as sentenças anteriores, esse não parece ser o caso do PS. No exemplo em (25), o acento lexical não é interpretado também como o acento da frase fonológica que, por sua vez, recai sobre **peixe**. Não havendo coincidência das proeminências lexical e frasal, não haveria, por conseguinte, bloqueio do processo exatamente como descrito para o PB. Contudo, ao atentar às sentenças (23), (24) e (25), veremos que o acento lexical é, também, o acento de \varnothing e, mesmo possuindo a maior proeminência em todos os casos, não há bloqueio da elisão. Dessa forma, embora o acento principal de \varnothing desempenhe papel crucial no bloqueio da elisão em PB quando a sequência é assinalada por uma átona e uma tônica (WS) (Abaurre, 1996; Tenani, 2007), com base nesses dados o mesmo não poderia ser afirmado, *a priori*, em relação ao PS.

Todavia se verificarmos mais uma vez as sentenças referidas em (23), (24) e (25), avaliando, agora, as mesmas ocorrências do fenômeno tendo em vista o PB, veremos que, ao contrário do que é previsto pela regra de bloqueio de sândi, há gramaticalidade em tais produções. Assim, embora estejamos diante de uma sequência átona e tônica (WS) com coincidência

24 Vogal tônica demarcada pelo negrito.

do acento de φ na tônica, é possível a ocorrência de sentenças como (23), (24) e (25), as quais são caracterizadas pela aplicação da elisão. Nesse sentido e com base exclusivamente nos dados expostos, o PB e o PS não seriam distintos.

Ainda pautados na possibilidade de ocorrência de ressilabação em (23), (24) e (25) em PS e em PB, seria interessante analisar a elisão em PS tendo em vista lexemas de outras classes gramaticais e as variadas constituições silábicas associadas à proeminência de φ , assim como já feito para o PB (Abaurre, 1996; Tenani, 2007). Com exceção do verbo “é” em (24), todas as ocorrências que demonstram a coincidência do acento lexical e frasal são pronomes. No total, foram observadas 10 sentenças cuja estrutura átona – tônica (WS), em que o acento principal de frase fonológica recai na tônica, não impede o processo de elisão; e, entre essas, 9 sentenças demonstram V2 acentuada como primeiro segmento de um pronome – no caso, **eu**, **ele**, **isso** e **esse**. Além disso, todas as palavras eram compostas por no máximo duas sílabas, o que pode acarretar um fator permissivo na concretização da ressilabação em PS e em PB. Percebe-se, portanto, que as ocorrências em destaque estão muito limitadas a um grupo fechado de classe e a uma só estrutura silábica, abrindo a possibilidade, dessa forma, para a existência de influências de ordem morfológica, semântica e até mesmo fonológica. De modo a excluir eventuais interfaces como essas agindo no processo de elisão, seria então relevante a substituição de tais itens lexicais por nomes, adjetivos, advérbios e verbos que também demonstrassem uma constituição silábica maior junto à tonicidade em V2.

Embora a ordem acentual átona – tônica (WS) dos dados não proporciona bloqueio da elisão, ainda que a proeminência em questão seja de φ , constatou-se que o mesmo processo é bloqueado quando a sequência silábica corresponde a uma tônica e uma átona (SW). Assim como previsto para o PB (Bisol, 1992), a elisão no PS é impedida diante do encontro de uma V1 tônica com uma V2 átona:

(27) [Aprendi] φ [a coser cá] φ [em STP] $\varphi \rightarrow$ *Aprend[a] coser cá em STP

(28) [Não só] φ [os homens] $\varphi \rightarrow$ *Não s[o]s homens

(29) [Porque há] φ [os barcos] φ [aqui] $\varphi \rightarrow$ *Porque h[o]s barcos aqui

(30) [Pensa] φ [que a banda] φ [só está cá] φ [em STP] $\varphi \rightarrow$ *Pensa que a banda s[i]stá cá em STP

(31) [Assim está izaquente] $\varphi \rightarrow$ *Assim est[i]zaquente

Em (27), (28) e (29) há uma convergência de acentos. Nas três primeiras sentenças, o processo de sândi é bloqueado em fronteira de frase fonológica em que o acento lexical de V1 é também a maior proeminência de ϕ . Porém, mais uma vez, diante dos dados não é possível postular a acentuação da frase fonológica como elemento significativo na aplicação ou obstrução do processo em evidência. De fato, dentro do domínio da frase fonológica o bloqueio ainda persiste e, mesmo não havendo coincidência dos acentos, a elisão permanece impossível em (30) e (31).

Em linhas gerais, as sentenças em (30) e (31) distanciam-se duplamente do processo de sândi descrito para o PB. Conforme Tenani (2002), sob o domínio de frase fonológica o encontro tônico – átono (SW) ocasionaria obrigatoriamente uma ditongação; porém não são estes os casos exemplificados, em que não ocorre nenhum processo de sândi. Naturalmente, é preciso cautela na análise da elisão nesse domínio, na medida em que não se podem tomar como delimitadoras de todo o processo na língua apenas duas ocorrências. Os dados são naturalísticos, o que implica sua obtenção sem um controle mais rígido, demonstrando, por consequência, lapsos comuns à performance dos falantes. Acresce-se o fato de que, por meio da gravação dos dados em forma de entrevista, não é possível monitorar os tipos de sentenças produzidas pelos informantes e, por isso, não houve mais produções em que as vogais, sendo V1 tônica e V2 átona, estivessem em domínio de frase fonológica para verificação do bloqueio. Dadas essas questões, preferimos apenas descrever o fenômeno em (30) e (31), adiando sua análise para um eventual trabalho em que haja maior controle dos dados.

Em resumo, a partir da análise segmental e suprasegmental das sentenças do *corpus* que apresentavam elisão e foram descritas anteriormente, constata-se que em PS:

- (i) a elisão ocorre entre segmentos vocálicos distintos, podendo ser V1 [+POSTERIOR], [-POSTERIOR] ou a baixa [a];
- (ii) a elisão sempre se aplica diante de duas sílabas átonas (WW);
- (iii) a elisão ocorre em uma mesma ϕ ou entre fronteiras de ϕ ;
- (iv) a classe gramatical e o número de sílabas que compõe o elemento que porta o acento principal de ϕ podem influenciar na ocorrência ou não da elisão. Assim: a tonicidade lexical de V2 e/ou a convergência do acento

lexical e da proeminência principal de φ , caso sejam provenientes de um pronome ou de um item lexical formado por duas sílabas ou menos, não configuram, nos dados, contextos de bloqueio para a elisão;

(v) sempre há bloqueio da elisão quando V1 recebe o acento, seja este lexical ou frasal.

Comparando, por fim, o processo de elisão no PS com o PB, temos:

Quadro 1 – Comparação entre o fenômeno de elisão em PB e PS. (\mathfrak{e}) equivale ao acento lexical ($\mathfrak{e}V1$ ou $\mathfrak{e}V2$) ou à maior proeminência de φ ($\mathfrak{e}\varphi$); a ausência de \mathfrak{e} equivale à não acentuação lexical ou de φ ($V1$ ou $V2$) (WW) e (+) à fronteira de frase fonológica.

Contexto	PB	OS
V1V2 (WW)	Favorece	Favorece
$\mathfrak{e}V1V2$ (SW)	Desfavorece	Desfavorece
V1 $\mathfrak{e}V2$ (WS)	Em geral desfavorece, mas pode favorecer a depender da classe gramatical e do número de sílabas que compõe o elemento que porta o acento principal de φ	Favorece quando o elemento que porta o acento principal de φ é um pronome ou apresenta duas sílabas ou menos
Mesmo φ	Favorece	Favorece
$\varphi + \varphi$ não ramificado	Favorece desde que não haja coincidência de acento lexical e de φ	Favorece
$\mathfrak{e}V \varphi$	Desfavorece	Desfavorece caso a coincidência esteja em V1
$\mathfrak{e}V$ diferente de $\mathfrak{e} \varphi$	Favorece	Favorece

Findado o exame da elisão e ainda considerando o acento lexical e o domínio de frase fonológica como fatores relevantes de análise, descreveremos a seguir o fenômeno de degeminação...

6.2 Degeminação no PS

Conforme vimos na seção 3, a degeminação caracteriza-se pela ressilabação ocasionada pelo encontro de duas vogais idênticas. Em PS, obteve-se tal processo diante dos seguintes contextos segmentais:

(32) Processo de degeminação (total de 16 dados)

Contextos [V1V2]	Exemplo	Quantidade
[a a]	Nós procur[a] maneira de dar-lhe	12
[i i]	Lave[i]zaquente muito bem lavado	3
[o o]	Com [o]bjetivo de formar pessoas	1

Em (32) percebemos que, numericamente nesse *corpus* naturalístico, a aplicação do processo teve mais incidências quando ambas vogais são baixas e equivalem a [a]. No entanto, mesmo apresentando poucos casos, o sândi também foi concluído diante de vogais altas ou médias altas iguais, como é o caso de [i] e [o]. Os outros segmentos não puderam ser observados quanto à ocorrência de degeminação pelo fato de a quantidade de dados ser reduzida.

Todas as sentenças em que a degeminação se concretizou continham a sequência lexical de duas átonas, ocorrendo a degeminação dentro do domínio de frase fonológica –cf. (33) e (34) – ou nas fronteiras desse domínio – cf. (35) e (36):

(33) [Passam] \varnothing [diretamente] \varnothing [para a banda] \varnothing → Passam diretamente par[a] banda

(34) [Estão] \varnothing [na fase] \varnothing [de instrução] \varnothing → Estão na fase d[i]nstrução

(35) [Nos] \varnothing [procura] \varnothing [a maneira] \varnothing [dar-lhe] \varnothing → Nos procur[a] maneira dar-lhe

(36) [Pega] \varnothing [a colher] \varnothing [de madeira] \varnothing → Peg[a] colher de madeira

Os bloqueios, por sua vez, foram constatados em diferentes contextos. O primeiro deles equivalia à presença de uma tônica, seja na posição de V1 ou V2²⁵:

25 Vogal tônica demarcada pelo negrito.

- (37) [Matava tubarão] φ [na nossa água] $\varphi \rightarrow$ *Matava tubarão na noss[a]gua
 (38) [Está] φ [a pedir] φ [muito cabo] $\varphi \rightarrow$ *Est[a] pedir muito cabo
 (39) [Há] φ [assim] φ [tão dificuldade] $\varphi \rightarrow$ *Não h[a]ssim tão dificuldade

Na sentença em (37), além de portar o acento lexical, V2 também porta a maior proeminência de φ . A princípio, considerando o bloqueio de sândi condicionado pelo acento frasal em PB, podemos pensar em uma semelhança entre o PS e o PB. Entretanto, para confirmar a influência do acento principal de φ no condicionamento da degeminação, é preciso que analisemos um contexto em que haja a sequência átona – tônica (WS) sem a coincidência entre acento lexical e proeminência de frase fonológica, e confirmemos ou não, nesse contexto linguístico, a aplicação do fenômeno. Caso o processo não seja favorecido, haverá indícios de que a degeminação não é condicionada pela proeminência de frase fonológica. Todavia, mais uma vez limitada pelos dados, tal análise é impossibilitada pela imprecisão do *corpus*, permanecendo essa questão como sugestão para uma próxima pesquisa. Por fim, a sequência tônica – átona (SW), do mesmo modo que para a elisão, desfavorece a degeminação, havendo, dessa vez, uma convergência entre acento lexical e frasal – cf. (38) e (39).

Além desses casos de bloqueio, também foram obtidas quatro sentenças em que mesmo ocorrendo a sucessão de átonas, isto é, o contexto favorável para realização do fenômeno, o sândi em questão não foi aplicado:

- (40) [Isso] φ [que eu] φ [dizia] φ [a princípio] $\varphi \rightarrow$ *Isso que eu dizi[a] princípio
 (41) [Continuo] φ [a estar ligada] φ [a eles] $\varphi \rightarrow$ *Continuo a estar ligad[a] eles
 (42) [Consegue-se] φ [sobreviver] φ [em toda a parte] $\varphi \rightarrow$ *Consegue-se sobreviver em tod[a] parte
 (43) [A lutar] φ [contra a maré] $\varphi \rightarrow$ *A lutar contr[a] maré

Nenhuma das ocorrências demonstra uma vogal que porte o acento lexical ou a proeminência φ , mas mesmo assim o fenômeno é bloqueado. Com exceção de (40) e (41), em que **a** manifesta um papel preposicional e não de artigo, podendo sua queda induzir, desse modo, à agramaticalidade sintática da sentença, nos demais casos não há esse problema. Assim sendo, a classe gramatical, em interface com a morfossintaxe, não aparenta figurar

um fator de bloqueio do fenômeno da degeminação em todos os casos supracitados de sequência átona (WW). Então, passando para os aspectos fonológicos, ao observarmos atentamente os exemplos, perceberemos algumas outras semelhanças além do suposto contexto propício para a degeminação.

Nas sentenças de (40) a (43), o ambiente de aplicação de sândi é marcado pela existência do grupo clítico em seu domínio. Ou seja, a V2 do encontro vocálico é, em todos os casos, um clítico: **a**. Isso poderia nos levar a pensar que, talvez, esse grupo *a priori* propiciaria o bloqueio do fenômeno, caracterizando a degeminação exclusivamente como um processo de aplicação entre fronteiras de palavra fonológica. Contudo, ao retomarmos as sentenças (35) e (36), constataremos que isso não é o que acontece, posto que em ambas as sentenças a degeminação é concluída, sendo V2 um clítico: (35) Nós procuraa maneira dar-lhe → procur[a] maneira e (36) Pegaa colher de madeira → peg[a] colher. Assim, a análise pautada na hipótese de que o clítico poderia constituir um fator de bloqueio do sândi não é fundamentada pelos dados e, portanto, não pode ser validada. Por conseguinte, resta-nos considerar fatores extralinguísticos interferindo e agindo em conjunto com a produção linguística. Analisando a fonte das sentenças de (40) a (43), constataremos que todas foram enunciadas pelo mesmo informante.

Na medida em que as quatro sentenças foram produzidas por um único falante, é possível levantarmos a hipótese de atribuição do bloqueio, nesses casos de átona – átona (WW), a uma característica de fala inerente ao informante. Observemos as sentenças em que há aplicação da degeminação e que foram produzidas pelo mesmo informante:

(44) [Para que se possa atingir] \varnothing [essas metas] \varnothing → Para que se poss[a] tingir essas metas

(45) [É preciso] \varnothing [que toda a gente] \varnothing [esteja] \varnothing → É preciso que tod[a] gente

(46) [Fui] \varnothing [para a direção] \varnothing [do liceu] \varnothing → Fui par[a] direção do liceu

Contrapondo as sentenças de (44) a (46) com as sentenças de (40) a (43), constataremos que não há um contexto segmental ou suprasegmental capaz de explicar os bloqueios e/ou as aplicações do processo. De fato, as estruturas entre os dois conjuntos de dados estão muito semelhantes e não há divergências notórias que justifiquem a consolidação, em alguns

momentos, da degeminação e, em outros, de seu respectivo bloqueio. Atentos a essa inconsistência e considerando que nenhum dos demais informantes comportou-se desse modo, suscita-se a possibilidade de que o favorecimento ou não da degeminação, nos casos supracitados, decorreria da performance desse falante em particular.

De fato, distintamente dos demais informantes, este, grande parte das vezes, demonstrava uma fala mais explicativa a respeito do tema de sua entrevista. Ao enfatizar a clareza em sua fala de modo a elucidar bem suas ideias a respeito da educação, tópico da conversa, o falante apresentava uma fala ligeiramente mais lenta em relação aos demais. Como já apontado por Mateus (2005), a fala mais cadenciada e rápida propicia maior ocorrência de processos de apagamento vocálico, ao passo que uma fala lenta desfavorece a ocorrência desse tipo de processo. Assim, os casos assinalados de (40) a (43), por serem produzidos de forma mais lenta, desfavoreceriam a ocorrência da degeminação.

Em linhas gerais, diante da análise dos dados referentes à degeminação em PS, foi possível verificar no *corpus* que:

- (i) a degeminação ocorre entre dois segmentos vocálicos idênticos, sendo aparentemente mais produtiva entre vogais baixas [a];
- (ii) a sequência de átonas (WW) favorece a aplicação do processo;
- (iii) a sequência vocálica que apresenta tonicidade lexical, seja em V1 ou em V2, desfavorece a degeminação²⁶;
- (iv) a degeminação pode, em geral, ser aplicada dentro do domínio de \varnothing ou entre as fronteiras desse domínio;
- (v) a degeminação é favorecida dentro do domínio de \varnothing ;
- (vi) a velocidade de fala é um fator que desfavorece a ocorrência da degeminação.

Uma comparação entre o PB e o PS no que diz respeito à degeminação pode ser observada no Quadro 2:

26 Este comportamento, a princípio e no que tange à influência do acento lexical na aplicação do processo, aproxima o PS e o PE, posto que na variedade lusitana a degeminação é também bloqueada diante de qualquer acento lexical, seja em V1 ou em V2.

Quadro 2 – Comparação entre o fenômeno de degeminação em PB e PS. (ɐ) equivale ao acento lexical (ɐV1 ou ɐV2) ou à maior proeminência de φ (ɐφ); a ausência de ɐ, à não acentuação lexical ou de φ (V1 ou V2) (WW) e (+) à fronteira de frase fonológica.

Contexto	PB	PS
V1V2 (WW)	Favorece	Favorece
ɐV1V2 (SW)	Favorece	Desfavorece
V1ɐV2 (WS)	Desfavorece	Desfavorece
Mesmo φ	Favorece	Favorece
φ + φ não ramificado	Favorece desde que não haja coincidência de acento lexical e de φ	Favorece
ɐVφ	Desfavorece	À primeira vista desfavorece, mas não foi constatado se tal bloqueio decorre, de fato, da proeminência de φ, do acento lexical ou da coincidência de ambos
ɐV diferente de ɐφ	Favorece	Não há dados suficientes para avaliar

A partir do Quadro 2, observa-se que nos dados do PS analisados há bloqueio da degeminação sempre que há presença de tonicidade lexical em V1 ou V2. Não foi possível constatar, por conta da limitação de ocorrências do referido processo nas sentenças analisadas, a relevância da proeminência de φ no bloqueio da degeminação.

7 CONCLUSÃO

Por meio da análise de um *corpus* naturalístico coletado em entrevistas, descreveram-se e analisaram-se os fenômenos de sândi vocálico em português de São Tomé e Príncipe, nomeadamente a elisão e a degeminação. A partir de análises perceptuais e inspeções acústicas, observou-se a produtividade de ambos os fenômenos, sendo o contexto vocálico de aplicação variado e algumas peculiaridades inerentes a essa variedade da língua portuguesa percebidas, como a ocorrência de elisão em contextos que em PB são propícios à ditongação.

Em geral, não pôde ser constatada a presença da proeminência de frase fonológica como fator de bloqueio para a elisão nos dados estudados, posto que houve sentenças em que o processo foi permitido independentemente da concomitância da proeminência de frase fonológica com o acento lexical. No entanto, vale a pena ressaltar que em todos os casos em que, independentemente do acento principal de frase fonológica, a elisão foi concretizada, estávamos diante de pronomes, cuja formação silábica poderia influenciar na ocorrência do fenômeno: **eu**, **ele**, **isso** e **esse**. Analisando os mesmos contextos em PB, língua em que a coincidência entre acento lexical e de \varnothing atestadamente bloqueia a elisão (Tenani, 2007), observamos, ao contrário do esperado, a ocorrência da ressilabação assim como em PS. Dessa forma, de modo similar ao já realizado para o PB, o exame da elisão em PS deveria ser realizado, também, a partir de lexemas de outras classes gramaticais e de variadas constituições silábicas.

No que diz respeito ao acento lexical na sequência vocálica tônica – átona (SW), com a coincidência entre os acentos lexical e frasal, notou-se o desfavorecimento do fenômeno, havendo o bloqueio da elisão em todas as ocorrências que demonstravam a sequência supracitada. Verificou-se o mesmo para a degeminação na sucessão vocálica de tônica – átona (SW). Quanto à sequência átona – tônica (WS), não houve dados suficientes para observar a interferência ou não do acento de \varnothing na degeminação, porém constatou-se o favorecimento do bloqueio quando V2 portava o acento lexical.

Em geral, tanto a elisão quanto a degeminação foram concretizadas no domínio ou na fronteira entre \varnothing e o clítico, assim como no PB, não constituindo esse domínio, portanto, fator de bloqueio. Vale a pena ressaltar, por fim, que as descrições foram realizadas a partir de um *corpus* naturalístico e tratam-se apenas das primeiras impressões do fenômeno de sândi vocálico em PS. Para uma análise mais rigorosa, seria necessário aumentar a quantidade de dados, obtendo-os a partir de métodos experimentais e, portanto, controlando os contextos analisados. Também seria interessante uma comparação apurada do fenômeno entre essa variedade africana e o PE, investigando, assim, a presença do sintagma entoacional como possível fator de bloqueio do fenômeno em PS.

REFERÊNCIAS

- Abaurre MBM. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, 1996;31(2):41-50.
- Agostinho ALS. Fonologia e método pedagógico do lung'ê. [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2014.
- Bandeira M. Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2017.
- Bisol L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1992;23:83-101.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. [Programa de computador]. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, 2014. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 25 set. 2017. (Versão 5.4.08).
- Câmara Jr. JM. Estrutura da língua portuguesa. 32.^a ed. Petrópolis: Vozes; 1970.
- Chomsky N, Halle M. The sound pattern of english. New York: Harper and Row; 1968.
- Christofoletti A. Ditongos no português de São Tomé e Príncipe [Dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2013.
- Clements GN, Keyser SJ. CV phonology: a generative theory of the syllable. Cambridge, MA: MIT Press; 1983. (Série Linguistic inquiry monographs, vol. 9).
- Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Português falado: variedades geográficas e sociais. Lisboa: Universidade de Lisboa; 1990.
- Espírito Santo C. Situação actual da língua portuguesa nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. I Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo 28 jun.-3 jul. 1983; Lisboa. Lisboa: Instituto de Língua e Cultura Portuguesa; 1985. p. 235-260.
- Frota S. Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation. New York: Garland; 2000.
- Gonçalves RMG. Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé. [Monografia]. Lisboa: Universidade de Lisboa; 2010.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). São Tomé e Príncipe. **São Tomé e Príncipe em números**. São Tomé: INE; 2011.
- Kickhöfel JR. Processos de sândi vocálico externo na aquisição fonológica [Tese]. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; 2011.
- Lucchesi D, Baxter A. A transmissão linguística irregular. In: Lucchesi D, Baxter A, Ribeiro I, organizadores. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 101-124.

Mateus MHM. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras, Revista da Associação de Professores de Português*. 2004;28:79-98.

Moraes JA, Wetzels WL. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Caderno de Estudos Linguísticos*. 1992;23:153-166.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Dordrecht: Foris; 1986.

Paulino NMR. Fenómenos de sândi vocálico em variedades do português europeu [Dissertação]. Lisboa: Universidade de Lisboa; 2016.

Paulino NMR, Frota S. Variação prosódica no português europeu: análise comparada de fenómenos de sândi vocálico. *Revista da Associação Portuguesa de Lisboa*. 2016;1:651-674.

Petter MMT. Variedades linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano [Tese]. Universidade de São Paulo; 2008.

Santos GB. Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português: Brasil e Portugal. [Tese]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás; 2013.

Santos RS. O acento e a aquisição da linguagem em português brasileiro. In: Araujo GA, organizador. *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola; 2007. Vol. 1, p. 225-258.

Selkirk E. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*. 1986;3:371-405.

Selkirk E. The interaction of constraints of prosodic phrasing. In: Horne M, editor. *Prosody: theory and experiment: studies presented to Gösta Bruce*. Dordrecht: Kluwer Academic; 2000. p. 231-261.

Tenani LE. Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. [Tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2002.

Tenani LE. O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. *Organon*. 2004;18(36):17-29.

Tenani LE. Acento e processo de sândi vocálico no português. In: Araujo GA, organizador. *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola; 2007. Vol. 1, p. 169-194.

Veloso MN. Aspectos segmentais dos processos de Sândi vocálico externo no falar de São Paulo [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2007.